

AS NOVAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO URBANO

**Renato da C. Oliveira¹, Marcel Fantin², Veriano T. Miura³, André Oliveira⁴,
Horácio Morita⁵**

1, 2, 3, 4, 5 – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento – IPD, Universidade do Vale do Paraíba.
Av. Shishima Hifumi, 2911 Urbanova, 12244-000, São José dos Campos, SP

Palavras-chave: Estratégia, Desenvolvimento, Urbano.

Área do Conhecimento: VI - Ciências Sociais Aplicadas

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de trabalhos e comentários desenvolvidos pelos alunos na disciplina Desenvolvimento Urbano e Regionalização do curso de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional da UNIVAP. Foi enfocada e comentado os tópicos artigo de Rose Campans (*O PARADIGMA DAS GLOBAL CITIES NAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL*). Trata – se da atribuição à cidade como centro de gestão de fluxo de capitais, o que possibilita o relacionamento entre o local e o global sem passar pela esfera regional e nacional. Essa organização em rede impõe as cidades como nós de conexão.

Segundo investigações científicas relacionadas as metrópoles americanas e européias, este modelo tem sido considerado o futuro inexorável das cidades, considerando –se um paradigma a ser perseguido por todas as localidades que pretendem inserir – se nos fluxos econômicos globais, fora dos quais não há esperança.

Desta forma, é estimulada a competição interurbana e um mercado de modelos de gestão, que são procurados por consultores internacionais interessados em divulgar experiências supostamente de sucesso, e demandados por administrações municipais interessadas em promover o desenvolvimento econômico local, pelo cumprimento de metas com a qual possam

assegurar a inserção competitiva de suas cidades.

Rose Campans objetiva rever os pressupostos constituintes deste paradigma referente as global cities, estabelecendo mediações possíveis com a realidade dos países periféricos, conduzindo assim, a uma reflexão crítica sobre a pertinência do discurso único produzido a respeito das estratégias de desenvolvimento local.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos estão baseados nos conceitos doutrinários do Planejamento Urbano e Regional.

Primeiramente, realizou-se uma Revisão Bibliográfica que compreende as fases de pesquisa, transcrição, descrição e classificação das informações textuais.

Posteriormente, realizou-se o levantamento das diversas cidades globais existentes, e suas inter-relações.

Assim, foi possível efetuar a integração da revisão bibliográfica e levantamentos.

As informações completas do trabalho foram registradas através relatórios e fichas padronizadas dos pontos de interesse.

A análise permitiu verificar as principais estratégias de desenvolvimento locais atuais e a nova geografia do espaço financeiro e industrial mundial.

O NOVO PAPEL DAS CIDADES

Emergência de um novo modelo de organização sociotécnica da produção que ocorre devido a:

Introdução das novas tecnologias de informação, simultaneamente ao processo de internacionalização do capital, conformando assim um novo “espaço de fluxos” em substituição ao “espaço dos lugares”.

A substituição do modelo de desenvolvimento industrial pelo modelo de desenvolvimento informacional cujo elemento central é baseado na qualidade do conhecimento e no processamento da informação, que são convertidos em matéria prima e produto (Economia de Fluxos).

Novas características organizacionais, que estariam redesenhando a geografia econômica mundial – entre elas o aprofundamento da divisão histórica entre trabalho manual e intelectual, concentração dos processos de conhecimento e tomada de decisões em organizações de alto nível, a precarização das relações salariais do trabalho, a dispersão social, a subcontratação e a automação.

ESTRATÉGIAS DE LOCALIZAÇÃO

Se para as indústrias baseadas no modelo tradicional, os fatores de localização determinantes eram o custo de transporte e a abundância de matéria prima, para as novas indústrias, os aspectos de acessibilidade e de qualidade de vida oferecidos são fatores determinantes no momento da escolha da localização de sedes empresariais e dos centros de produção chaves.

- Esta localização corresponde a centros nodais de uma rede de telecomunicações e transporte aéreo que permitem, às empresas, descentralizar as atividades, operando em escala mundial por meio de redes telemáticas.
- Esta dialética entre descentralização e necessidade de centralização, fortalece hoje o papel econômico das grandes metrópoles. Os escritórios centrais das grandes empresas, concentram-se nas grandes metrópoles, de onde podem operar em escala nacional e internacional através de redes de comunicação, compartilhadas por várias

empresas em redes locais ou instaladas em edifícios inteligentes

- Essa dispersão geográfica do setor industrial, viabiliza também a internacionalização do setor de serviços, num movimento de acompanhamento de abertura de filiais. É o complexo de empresas prestadoras de serviços à produção, que tira proveito das economias de aglomeração, proporcionadas pela localização metropolitana.
- São esses centros, equipados com toda a infra-estrutura de que dispõe, pelo meio de inovação e pela qualidade de vida, que oferecem as funções de comando. Esses sítios de controle específicos, que Sassen denomina de “cidades globais”, são principalmente praças financeiras e lugares de produção de serviços especializados com capacidade de controle mundializado.
- Com a multiplicidade desses pólos de atividades metropolitanas especializadas, os fluxos e as interdependência em larga escala de bens e serviços produzidos em outros pólos determinam a intensificação das relações horizontais entre eles, em detrimento das relações verticais do tipo centro/periferia que caracterizavam o modelo taylorista.
- As conexões destas redes por meio de sistemas de transporte de grande velocidade e de telecomunicações estariam, entretanto provocando “efeitos de túnel” por zonas atravessadas e não conectadas, que desenharam assim um território descontínuo o fraturado, onde se observam afastamentos cada vez maiores entre zonas integradas e zonas periféricas e abandonadas.

O PARADIGMA DAS GLOBAL CITIES

Trata-se da apropriação de algumas idéias oriundas do debate da geografia econômica, concernente ao novo papel das cidades no quadro de reestruturação produtiva da globalização reproduzidas como leis positivas, cuja validade dispensa mediações e relativizações temporais e históricas, uma vez sendo comprovadas empiricamente.

- Tratam-se das tendências à especialização financeira e de serviços

avanzados nas grandes cidades, do papel determinante das telecomunicações para a centralização das funções de comando e controle sobre uma rede de fluxos econômicos em escala planetária; e da ligação entre o local e o global sem a intermediação do regional ou nacional.

- A formulação de tais hipóteses apoia-se na fenomenologia das transformações econômicas e urbanas observadas em algumas cidades dos países que são os maiores exportadores e captadores de investimento estrangeiro direto – Nova York, Los Angeles, Londres, Paris e Tóquio.

O DETERMINISMO TECNOLÓGICO

A expressão Global Cities, cunhada por Saskia Sossem, em 1991, designa os pontos nodais dos fluxos financeiros, a partir dos quais se produz um controle global dos mercados financeiros secundários e sítios dispersos, na medida em que os investimentos estrangeiros diretos ocorrem hoje pelo mercado de ações e títulos.

- O lugar central ocupado pelas cidades de Nova York, Londres e Tóquio nesta rede de fluxos econômicos global, é atribuída à concentração de importantes recursos de infraestrutura, sobretudo a capacidade de comunicação/transmissão de dados mundializada, que depende de uma sofisticada infraestrutura de comunicações e de transportes de alta velocidade cujos custos de construção e uso são bastante elevados.
- Por outro lado, a concentração empresarial já existente nestes grandes centros é o elemento que justifica o alto investimento em infra-estruturas de telecomunicações, que atrai cada vez mais novas empresas num movimento circular, pois o custo destes novos equipamentos será tanto mais barato, quanto maior for a concentração empresarial existente (Castells, 1995, p.218).
- A realidade de uma cidade “cabeada” com uma diversidade de tecnologias de comunicação voltadas para as empresas (como as oferecidas no distrito financeiro de Manhattan, que,

nos seus poucos hectares concentra 60% dos empregos Nova York), dá uma enorme versatilidade ao sistema, e nesse sentido, facilita a concentração de centros nodais.

- A disparidade em termos de acessibilidade e telecomunicações, em comparação aos EUA, é que o leva Castells a encarar como residual a possibilidade da descentralização das funções de controle em direção ao Terceiro Mundo.
- Outros fatores que concorrem para o processo de centralização das grandes cidades seriam, segundo Castells e Sassen, a existência de um mercado de trabalho altamente qualificado e de um sistema de produção de *inputs* especializados e tecnologias financeiras avançadas, de complexos organizativos que funcionam como base material do processamento da informação e tomada de decisões sobre o fluxo do capital e, ainda, a constituição de “meio de inovação tecnológica”.
- Castells adverte, também, para o caráter de não-reproduzibilidade desses fatores de centralização, uma vez que, estes, teriam sido formados em condições históricas específicas e circunstâncias já inexistentes, embora admita a possibilidade de surgimento de centros financeiros de segundo nível, como Hong Kong e Singapura, que a testam a possibilidade de surgimento de novas localizações fundadas sobre a base de uma política deliberada de organizar um mercado em uma localização determinada.

O LOCAL E O GLOBAL

Borja&Castells consideram que, é na articulação entre o local e o global que se encontra “a fonte dos novos processos de transformação urbana, e portanto, os pontos de incidência de políticas urbanas, locais e globais, capazes de inverter o processo de deterioração da qualidade de vida das cidades” (1998, p35). Tal otimismo reside na constatação empírica de que os processos produtivos “estratégicamente dominantes” são essencialmente urbanos e seguem um modelo hierárquico de concentração

metropolitana, constituindo uma rede policêntrica, com três níveis de hierarquia urbana:

- a) as funções mais importantes de qualificação, poder e capital, se concentram nas **principais áreas metropolitanas do mundo**, ou seja, em Nova York, Londres e Tóquio.
 - b) as funções de segundo nível, mas também ligadas à questão global, e alguns segmentos de mercado específicos – como opções de futuro – **concentradas em grandes cidades mundiais**, como Chicago, Los Angeles, São Francisco, Hong Kong, Singapura, Frankfurt, Paris, Zurique, Amsterdã e Milão.
 - c) as funções mais destinadas à incorporação de novos mercados, na medida em que a rede de interações em que se baseia **a economia global se estende, fazendo emergir “centros regionais”**, como as cidades de Madri, Barcelona, São Paulo, Buenos Aires, México, Taipei e Moscou.
- Apesar da estabilidade constante e até do aumento da concentração das funções de controle em algumas dessas metrópoles, esses autores acreditam que nada poderá assegurar a permanência dessa hierarquia urbana, porque ela está sujeita a uma competição feroz em setores bastante voláteis como finanças, informática ou incorporação imobiliária. Essa competição entre as cidades, reflete, na verdade, a competição entre as empresas, que na busca de incrementos de produtividade, procuram se situar naquelas localidades que mais oferecem condições materiais, sociais e institucionais para tanto.
 - Na visão desses mesmo autores, esta dinâmica competitiva possibilita, às sociedades locais, possibilidades crescentes de maior perspectiva de autonomia local e de alteração das posições hierárquicas, ao contrário da geografia rígida do sistema anterior. O novo sistema pode realizar de forma mais eficaz e equitativamente, do que no passado, a articulação entre a sociedade e economia, entre tecnologia e cultura. Isso porque o “local” e o “global” agora são complementares, “criadores

conjuntos de sinergia social e econômica”.

- Dessa forma os autores concluem que “A cidade global é uma rede de nós urbanos de distinto nível e com distintas funções que se estende por todo o planeta e que funciona como centro nervoso da nova economia, em um sistema de geometria variável ao qual devem constantemente adaptar-se, de forma flexível, empresas e cidades. O sistema global é uma rede, não uma pirâmide. E a relação mutante concernente a esta rede determina, em boa medida, a sorte dos cidadãos” (Borja&Castells, 1998, p43).
- Um contraponto à esta tese de autodeterminação do local na articulação com o global é apresentado por Pierre Veltz. Para este autor, se as unidades de produção se expandem sobre territórios, em busca de mão-de-obra barata, os centros de Pesquisa e Desenvolvimento permanecem altamente localizados. As despesas americanas com P&D, no estrangeiro, representam menos de 10% do total investido nesta atividade e o mesmo se verifica no caso de países como a França e o Japão.
- Dessa perspectiva, as chances das cidades do Terceiro Mundo integrarem-se aos fluxos econômicos globais, de uma outra forma que não seja o tradicional fornecimento de mão de obra mal remunerada e precária, para a execução de trabalhos repetitivos, parecem sensivelmente reduzidas. Assim, as grandes empresas do mundo atual continuam sendo as americanas, inglesas, japonesas, ou no mínimo binacionais (como a Shell), e isso por diversos motivos, visto que os acionistas são sempre nacionais e possuem interesses distintos em cada país, a maioria dos dirigentes destas empresas possuem a mesma origem nacional que a empresa, e também porque, mesmo nas empresas mais internacionalizadas, a regra é que o território de origem continue a captar as atividades mais estratégicas como, por exemplos, os investimentos em P&D ou relações com as estruturas financeiras, bancos ou Estado.

AS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Os municípios buscam como estratégia utilizar fatores endógenos para atratividade de fluxo de capitais, dentre estes fatores buscam transformações políticas institucionais, quanto físicas, procurando fornecer condições para melhor "vender as cidades" no contexto de uma competição interurbana impulsionada pela globalização.

Segundo uma certa corrente de pensamento, adaptar -se aos mercados internacionais é a única alternativa possível para o desenvolvimento econômico das cidades.

Desta forma, os prefeitos, substituem a idéia de intervenção pela de atração, acompanhamento e negociação, traduzida em um novo modelo de gestão urbana ao qual é denominado "empresariamento urbano estratégico". Estabelecendo traços comuns com as grandes empresas: dependem dos mesmos fatores econômicos, enfrentam a concorrência internacional e gerenciam serviços, atividades produtivas e recursos humanos.

A lógica simbólica da cidade-empresa é a da cidade-mercadoria. Que promove sua imagem no exterior com vistas a exercer a atração de investidores e facilitar a exportação de bens serviços profissionais.

A PASSAGEM DO MODELO INDUSTRIAL PARA O TERCIÁRIO AVANÇADO

Com a dispersão geográfica da produção e a concentração das funções de comando, inovação e gestão nas cidades, os novos imperativos do urbanismo passam a ser:

A construção de redes de comunicação em fibra ótica, a criação de teleportos, a construção e modernização de infra-estrutura de transporte de alta velocidade, a provisão residencial permanente e transitória.

Este urbanismo do terciário - avançado, expressa a divisão social do trabalho na segregação residencial da nova classe emergente com o abandono das classes populares, voltando a administração pública para intervenções pontuais e

fragmentadas nas zonas "integradas" do tecido urbano.

O MARKETING URBANO

A estratégia da promoção as cidades no exterior apóia-se na existência de um bom produto que possa ser ofertado aos investidores estrangeiros e que atenda as suas exigências sofisticadas.

A construção de uma marca para a cidade, tenta-se transmitir a idéia de uma cidade empreendedora, socialmente integrada, que oferece qualidade de vida e um clima favorável aos negócios.

CONCLUSÃO

As estratégias de desenvolvimento locais atuais tem como justificativa que a nova geografia do espaço financeiro e industrial mundial redefiniu o papel das cidades como lugares de comando e de gestão sobre o fluxo de capitais, mercadorias e informações.

Porém, a aceitação da subordinação aos interesses econômicos do capital global como uma fatalidade, conduz a comportamentos oportunistas, egoístas e competitivos, e a localismos exacerbados por parte dos governos e representantes políticos locais. A própria idéia de desenvolvimento que se encerra nos limites administrativos de uma cidade ignorando sua periferia marginalizada e excluída, é, em si, uma idéia liberal e conservadora.

Estas estratégias de atração de empresas e de investimentos , orientadas a responder antecipadamente aos requisitos de produtividade e competitividade das firmas são socialmente segregadoras. Elas se traduzem em inversões volumosas de recursos públicos em grandes obras de infra-estrutura, melhorias dos espaços públicos, provisão de equipamentos urbanos e operações imobiliárias destinadas apenas a certo tipos de usuários, aos executivos das grandes empresas e as novas camadas profissionais "estratégicas" do terciário avançado.

BIBLIOGRAFIA

Compans, Rose. (1999) *O paradigma das global cities nas estratégias de desenvolvimento local*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. No 1. Campinas;

M. **Castells**, A Sociedade em Rede, Paz e Terra, 1999.

BORJA, J; CASTELLS, Manuel. (1997) *Local y Global: La gestión de las ciudades en al era de la información*. Taurus. Madrid;

SASSEM, Saskia (1998) *As cidades na economia mundial*. Studio Nobel, São Paulo;